

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA

ANDRÉA GARCIA SILVA

**FOTOGRAFIAS: SENSIBILIDADES AMBIENTAIS REGISTRADAS
NA EXPERIÊNCIA COM HORTAS COLETIVAS**

Uberlândia

2021

ANDRÉA GARCIA SILVA

**FOTOGRAFIAS: SENSIBILIDADES AMBIENTAIS REGISTRADAS
NA EXPERIÊNCIA COM HORTAS COLETIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
de Uberlândia apresentada como
requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel, do Instituto de
Biologia.

Orientadora: Prof^ª. Daniela
Carvalho Franco

Uberlândia

2021

ANDRÉA GARCIA SILVA

**FOTOGRAFIAS: SENSIBILIDADES AMBIENTAIS REGISTRADAS
NA EXPERIÊNCIA COM HORTAS COLETIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
de Uberlândia apresentada como
requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel, do Instituto de
Biologia.

Uberlândia, 26 de maio de 2021

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Daniela Franco de Carvalho
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof.^a Dra. Fernanda Helena Nogueira Ferreira
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof.^a Dra. Gláucia Carvalho Gomes
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Uberlândia

2021

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela minha vida, por me mostrar a existência de um ser muito maior que eu, em cada gesto de amor que recebo da natureza, da vida, por me abençoar e me guarda todos os dias na minha evolução humana e espiritual.

Agradeço à São Francisco de Assis, a espiritualidade que me protege, me orienta e me guia no bom caminho!

A mim mesma, por acreditar na minha trajetória, nos passos que me conduziram até aqui, por me perdoar da minha necessidade de perfeição, por meus erros e também acertos, pelos meus defeitos e minhas qualidades, por ser quem sou.

Aos meus bens maiores, meus filhos Natasha e Allan, por serem quem são, filhos presentes, amáveis, por me ensinarem o amor incondicional, por me apoiar nas minhas decisões e por caminharem no bom caminho.

Aos meus pais, Jerônima e João, por ter me permitido viver, por me ensinarem muitas coisas da vida, por me apoiar da forma deles.

Aos meus compadres Josiane e Guilherme, por me apoiarem sempre, por serem tão presentes na minha vida, por me falarem sempre “vai em frente”, “é isso aí”, “quando vem o mestrado?” e pelos momentos maravilhosos que passamos juntos.

Ao meu afilhado, Miguel, que me enche de amor com seus olhos lindos e jeitinho que me diz tudo, uma das minhas felicidades quando podemos nos ver.

À minha orientadora, Daniela, meu muito obrigada pela paciência, pelo seu tempo dedicado a me ensinar, por me mostrar um caminho que me enche de planos, de vontades com esses autores espetaculares, por me ajudar a produzir, pelos encontramentos nas resenhas coletivas, por me fazer bem com sua vibração, humildade, respeito e amor.

À professora Gláucia, por sua sabedoria, por nos ensinar a sermos mais, a produzirmos mais para o nosso crescimento e de outras pessoas, pelos exemplos de força, humildade, gentileza e responsabilidade com o projeto/programa, que colaborou com muitas pessoas a aprender e terem seus sonhos realizados. Minha admiração e respeito!

À Dienne, minha gestora no projeto, encanto de pessoa, profissional, parceira de trabalho que também respeito e admiro, foi uma honra trabalhar e aprender com ela.

Agradeço aos amigos Amanda, Giovana, Amaral, Gabriel, Mariana, Thaianne, que tive o prazer de conhecer no projeto e trabalhar com eles, aprendi muito com todos eles; à Gleice, amiga de trabalho, de uma alegria, energia e sabedoria que me encantava, pessoa ímpar

multifuncional, cozinhava e ensinava bordado como ninguém, sempre bom estar perto dela; à Valéria, que tive o prazer de conhecer, braço direito no projeto e uma pessoa adorável.

À minha ex-aluna, Maria Alice pela dedicação, vontade e disposição, sonhava com a horta, mulher de firmeza, garra, aprendemos muito juntas e as marcas ficaram, ela tem a minha admiração e gratidão por manter viva a chama da Horta Orgânicos Park, por me proporcionar emoção e gratidão de que tudo que fazemos para o bem se multiplica e permanece.

À Dona Veramides, Eliene, Luciene, Lara, Solange, Maria da Glória, Denise e seu esposo, Raquel, Priscila, Dona Marta, Antônia, Eliane, Francisco, Sr. Jose Reinaldo, Silvana, Roberto, Francisca, Maria Júlia, Maria Abadia, meus ex-alunos, que me marcaram muito, com eles pude aprender e trocar afetos. Ainda à todos os outros ex-alunos que estiveram menos presente, mas que fizeram parte da nossa história no projeto.

À Cristina, Diretora do EMEI-Shopping Park, aos colaboradores e comunidade escolar que acreditaram e apoiaram nosso trabalho em horta.

À Leoni, responsável pela ONG Estação Vida ao aceitar fazer parte da nossa história, ao Sr. José e Eduardo que nos ensinou muito na horta com suas habilidades e conhecimentos.

Agradeço à minha amiga abençoada, Eliana, me ensinou e me ensina tanto nesse nosso encontro de vidas, que, nas horas boas, ri com a gente, e, nas horas ruins, é que prova suas qualidades, às quais respeito, admiro e aprendo sempre. Em horas que precisei, ajudou-me ao ser sincera, incisiva em suas opiniões, contribuindo com o meu aperfeiçoamento.

Aos meus familiares e amigos que sempre estiveram presente em minha vida.

Agradeço aos meus antigos professores pelo que me ensinaram e me orientaram.

Agradeço a todo o pessoal da coordenação do Instituto de Biologia que direta ou indiretamente colaboraram para comigo.

Agradeço a todas as pessoas que conheci até aqui, que nos afetamos de alguma forma, aprendi, cresci, hoje sou mais que antes, é nesses encontros que me encontro, e vou me tecendo na minha melhor versão, entrelaçada em outras vidas.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Desenvolvimento metodológico	12
Fotografias/sensibilidades	16
I	16
II	20
Conclusão	29
Referências	30

Esse trabalho de conclusão de curso está organizado segundo as normas da Revista Educação Porto Alegre.

FOTOGRAFIAS: SENSIBILIDADES AMBIENTAIS REGISTRADAS NA EXPERIÊNCIA COM HORTAS COLETIVAS

Andréa Garcia Silva

Resumo: Esse texto discorre sobre as experiências do grupo de Gestão Ambiental no projeto Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território Shopping Park - DIST Shopping Park – realizado em Uberlândia (MG), que buscou promover o desenvolvimento integrado e sustentável do território e dos sujeitos, a partir de ações geradoras de autonomia e sustentabilidade. A transformação contínua do espaço e das relações pessoais foram registradas por fotografias durante quase dois anos, arquivadas nos meios virtuais, as quais foram a inspiração para a produção de narrativas, em uma interação reflexiva. Transitando entre o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), ONG Estação Vida, uma escola de educação infantil, residências da comunidade local em interações pessoais, sociais e ambientais, fui fazendo os registros, e em cada registro havia uma emoção, uma lembrança, uma marca. A partir de um acervo de mais de 1400 fotos, escolhi três imagens que compõem a pesquisa narrativa e perpassa o que nos transcorre a visão, na sensibilidade ao buscar os elementos, nas relações com o outro e com os outros seres, e nas experiências vividas, com mulheres em sua maioria, em contato com o meio. E nesse contato com a natureza, onde a vida de todos os seres acontece, podemos refletir, ensinar, aprender, sentir a respeito do universo, da existência da vida e da morte.

Palavras-chave: Experiência; marcas; pesquisa narrativa; relações; sustentabilidade.

Abstract: This text revolves around the Environmental Management group experiences at the Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território Shopping Park – DIST Shopping Park – in Uberlândia (MG), that aimed to promote the integrated and sustainable development of its territory and people, through generating actions of autonomy and sustainability. The constant changing of the space and interpersonal relations were captured by photography during almost two years, archived in virtual ways, they were the inspiration for the narrative production, in a reflexive interaction. Driving between Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), ONG Estação Vida, a school of early childhood education, the local community homes in personal, social, and environmental interactions, I was registering, and in each record, there was an emotion, a memory, a mark. From this archive of more than 1400 photos, I chose three images that form the narrative research and passes by what elapses us the vision, in sensibility while aiming the elements, in interactions with the other and the other beings, and in lived experiences, with women, in majority, in touch with the environment. And in this contact with nature, where life of all beings happens, we may reflect, teach, learn, feel about the universe, the existence of life and death.

Keywords: experience; marks; narrative research; relations; sustainability.

INTRODUÇÃO

Com entusiasmo discorro essas linhas para contar as experiências do grupo de Gestão Ambiental no projeto Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território Shopping Park - DIST Shopping Park - em um momento marcante para a minha vida e para a vida das pessoas que estavam envolvidas ao nos proporcionar aprendizados e uma interação reflexiva.

De um sonho, um plano nasce o projeto DIST Shopping Park (Uberlândia – MG), o qual se concretizou pela parceria feita entre Caixa Econômica Federal (CEF) que entrou com os recursos do Fundo Socioambiental viabilizado pelo fundo gerado pelo pagamento das casas populares construídas no bairro Shopping Park e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que entrou com o projeto pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proexc).

O público direto incidia em membros da comunidade, entre 16 anos a 60 anos, que tinham interesse em participar das ações formativas de algum dos eixos temáticos: Governança Territorial, Dinamização Econômica, Promoção Sociocultural e Gestão Ambiental. No projeto, as aulas ocorriam no Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), na ONG Estação Vida¹ e nas residências dos participantes.

O curso do eixo temático Gestão Ambiental teve como objetivo promover o desenvolvimento integrado e sustentável do território e dos sujeitos, a partir de ações que gerassem a autonomia e a sustentabilidade em todas as dimensões. A partir desse ponto, foram traçadas as intenções do curso como contextualizar a educação ambiental com as aulas práticas sobre reaproveitamento de reutilizáveis e resíduos orgânicos, uso de bens naturais/recursos. Foram abordados os principais itens da Gestão Ambiental e o papel das políticas públicas no território, a revitalização dos espaços coletivos, construção de horta sustentável, e houve a busca por parcerias locais a fim de viabilizar as ações propostas e de um trabalho construído pela comunidade local.

A partir dos objetivos traçados, começamos a colocar em prática o trabalho proposto, que a cada dia fazia crescer o envolvimento com o projeto e o acreditar nos sujeitos dessa história. Igualmente crescia o desejo de trabalhar a valorização de cada um, de que cada um não é apenas mais um número, mostrar que cada um tem a sua importância, que eles e elas importam, que o coletivo importa, que o que cada um sente importa, que as relações com suas

¹ Link ONG Estação Vida: <https://projetoestacaovida.com.br>; <https://www.facebook.com/estacaovidauberlandia>; <https://www.instagram.com/estacaovida>.

famílias importam, que a história de cada um importa, e dessa forma, o cuidado, a atenção com o bem estar de cada um e do grupo nos oportunizou a criação de vínculos.

Assim, em cada espaço/situação, entre um e outro café da tarde, durante as atividades, nas conversas informais, na proximidade com o outro, nos laços que iam se fortalecendo durante as aulas, constituídos de momentos marcantes, os registros iam sendo feitos. Pequenos gestos, como a caneca verde de cerâmica recheada com a qual fui presenteada por uma das estudantes, existia um amor impregnado em algo materializado, são trocas mútuas que nos compõem e deixam marcas.

“... as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (RONILK, 1993, p. 5).

Fiz parte de uma equipe bem organizada, embasada nos conceitos acadêmicos, na proposta de elaboração de um plano metodológico de ação para cada módulo, com pessoas em diferentes níveis de envolvimento no curso de Gestão Ambiental.

Como cheguei até aqui? Algumas pessoas podem estar se perguntando. Em 2016, por intermédio de um amigo, no Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários da UFU – CIEPS/Proex/UFU, eu era bolsista da UFU pelo CIEPS, trabalhávamos no Programa de Qualidade Ambiental e o projeto que eu me encontrava envolvida estava chegando ao fim de seu ciclo. Esse amigo me ajudou mostrando que eu tinha todas as características para a vaga, e ainda trazia uma bagagem de experiência com educação e estava terminando o projeto que tinha relação com a Gestão ambiental, assim enviei toda a documentação solicitada e fui contemplada com a vaga.

Chegando lá! Foi mãos à obra ao preparar o material para desenvolver o que me propus com toda empolgação, expectativa e medos de algo que estamos começando.

O primeiro módulo, começamos com 45 cursistas no final do segundo semestre de 2016, constituído de aulas teóricas e práticas sobre educação ambiental, gestão ambiental, políticas públicas, reutilização de objetos e arborização dos espaços coletivos no território. Já no módulo dois, vivenciamos um novo espaço, fruímos na beleza do local e do aprender com os sujeitos já ali abrigados, com outras formas de enxergar as possibilidades disponíveis de renda, de dedicação e de engajamento. Cada um fazendo o seu melhor, assim foi acontecendo as atividades em um lugar de bem-estar, na ONG Estação Vida.

Já com uma equipe mais experiente, chamo de equipe porque não são mais só estudantes, e sim uma equipe, em conexão com o projeto, umas com as outras, com força de

vontade, preparadas e inspiradas no bem maior, na busca de uma cultura para a sustentabilidade, da paz em si e no coletivo, o aprendizado ia sendo expandido para outros ambientes. Na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Shopping Park, em parceria com a comunidade escolar, desenvolvemos uma horta mandala mirim e a arborização com árvores frutíferas e ornamentais, o que possibilitou reflexões sobre o meio e a sustentabilidade.

O curso começou com um número grande de pessoas, tinha aquele/aquela que se inscreveu por curiosidade, por algum tipo de afinidade com o assunto, e tinha aquele que se inscreveu porque a esposa ia participar então ele também ia junto, ou o filho que a mãe queria que fosse, mas como tudo na vida, alguns persistem mais, uns que vieram pra ficar, outros e outras que tinha outros caminhos a seguir, ou mesmo outras responsabilidades que o impedia de seguir com o grupo. Dessa forma que o grupo foi se afinando, dados momentos aparecia outros protagonistas para a nossa história, e sempre tinha alguém que precisava se chegar. Assim, eu observava que as mulheres eram mais firmes em seus propósitos, persistiam mais na composição do grupo.

Nos transformamos em equipe, porque ficaram aquelas que se sentiram parte daquele momento, e tinha algo próprio de si, das experiências e aprendizados que já traziam com as suas vidas vividas, com sua habilidade em moldar um canteiro côncavo, outra possuía força, e todas buscaram aprender com a literatura e sobre Gestão Ambiental. Com isso, contribuíam com o desenvolvimento do projeto de uma horta orgânica que viria a ser um dos produtos resultantes de todo o processo do eixo Gestão Ambiental que atenderia a comunidade local e a cidade de Uberlândia.

Simultaneamente, buscamos adquirir experiência em consultoria de horta residencial com as vivências a partir das hortas nas casas das moradoras do bairro. Nessa etapa fomos conduzidos por novos valores de cuidado, aproveitamento de espaços e da importância de microambientes sustentáveis e em equilíbrio. Com esse propósito trabalhamos em uma residência a horta vertical em caixotes reaproveitando alguns reutilizáveis e, em outra casa, construímos uma pequena horta no formato mandala, com uma composteira no centro, favorecendo ações de sustentabilidade na vida diária da família.

Ao final do projeto, o grupo de Gestão Ambiental recebeu da Universidade Federal de Uberlândia e da Prefeitura Municipal de Uberlândia uma área para construção de uma horta maior que produzisse produtos orgânicos livres de adubo químico e agrotóxicos gerando trabalho e renda para a comunidade local com responsabilidade e sustentabilidade.

Ressalto aqui que o projeto DIST-SHOPPING PARK teve resultados tão positivos na comunidade e na Universidade Federal de Uberlândia que o projeto se transformou em um Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território-Shopping Park, DIST-SHOPPING PARK que continua apoiando os moradores, os empreendimentos nascidos desse projeto/programa que admiro e ainda dando oportunidades para estudantes da UFU.

Assim vejo que as soluções de alguns problemas ambientais gerados pelas ações antrópicas na região do bairro Shopping Park partiram de algo acanhado que ganhou corpo, pois expandiram nas relações humanas, nas relações com o meio, na busca de conexão com o universo como um bem maior a nós mesmos. Toda essa trajetória foi registrada por quase dois anos através de fotografias que contam a história do curso de Gestão Ambiental. Ao fotografar as situações cotidianas na época do projeto, a intenção estava além da matéria. Foram milhares de registros de cenas do vivido que inspiraram as narrativas que compõem esse trabalho.

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

De forma inesperada, dentre os anos de 2016 a 2018, estava em processo de construção, me aventurando à pesquisadora com características próprias, sem conhecer sobre pesquisa narrativa, mas trilhando intuitivamente esses caminhos, diante da oportunidade que me surgia, o qual naquele período eu desconhecia. Como instrutora, passei a fazer parte desse grupo dentro do projeto. Passei a acreditar somado ao acreditar do outro, da outra, de um sonho, de um ideal de vida e saúde que envolveu muitos sonhadores de um mundo mais igualitário. Tudo foi acontecendo de forma perpassada aos saberes populares trazidos daquela gente, minha gente, entrelaçados com os conhecimentos teóricos/acadêmicos, regados à vontade, à alegria de nos sentirmos incluídas, respeitadas e admiradas, numa troca mútua. Com essa ação de disposição do grupo íamos construindo experiências que desenvolviam o pensamento crítico sobre a importância do Curso Gestão Ambiental.

Mariani e Mattos (2012) ressaltam que a educação acontece por meio da experiência em educação e com a própria educação narrativamente.

“Pensar narrativamente a partir de um espaço tridimensional torna-se condição para o intento de se compreender as vidas experienciadas e narradas. Vida é educação e os educadores estão interessados em vidas, vidas que só podem ser expressas narrativamente. Portanto, a pesquisa narrativa se apresenta como uma importante e significativa possibilidade de pesquisa em educação” (MARIANI E MATTOS, 2012, p.663).

Assim, em momentos de risos, boas conversas e sabedoria na arte de relacionar-se, as histórias do grupo iam sendo construídas no aprender juntos, tecendo os nossos dias em encontros geralmente vespertinos registrados por imagens desse cotidiano, que constituíram um acervo com mais de 1400 fotografias tiradas em um celular². Essas fotos estão armazenadas na plataforma do Google no aplicativo fotos e estão organizadas no álbum “Hortas e Ervas medicinais 2016 – 2018 – Projeto DIST”³.

A constituição dessa coleção cronológica se deu pela disponibilidade tecnológica do mundo atual e ainda pela solicitação de documental para prestação de contas das atividades realizadas no projeto e isso casou com meu encanto meu em registrar momentos, promovendo a releitura e sensibilização das experiências vividas e cheias de significados incorporados nas relações humanas e com o meio. Essas experiências vivenciadas são destacadas por Mariani e Mattos (2012) ao dizerem que a pesquisa narrativa se fundamenta na relação que se expressa narrativamente na procura de construir significados.

“São vidas e histórias em movimento - tanto dos participantes da pesquisa quanto dos pesquisadores, uma vez que a pesquisa narrativa tem como uma de suas características fundantes a relação – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados” (MARIANI E MATTOS, 2012, p.665).

Aqui discorro sobre o indivíduo, a pessoa, mas também trago o social, por fazer parte do todo, do universo, da continuidade entre passado, presente e futuro, do meio que nos envolve. Não era mais uma relação de instrutora e cursistas ou pesquisadora e pesquisados, mas de equipe entrelaçada pelo mesmo desejo, em que todos participavam dos processos relacionado ao curso. Com as imagens não foi diferente. A maior parte do acervo são de fotografias tiradas por mim, no entanto, a equipe também contribuiu ao tirar as fotos pelo celular. Muitas foram tiradas aleatoriamente, no intuito de registrar exatamente o acontecimento, em outras, fizemos pose. Parte desses registros está disponível na página do programa no Instagram⁴ que aborda a necessidade de gestar um propósito de sustentabilidade, de alimentos orgânicos, de agricultura familiar, de educação ambiental, de qualidade de vida, mesmo com as delimitações e implicações que uma ação desse porte confere. Assim, nos proporcionamos constituir um espaço tridimensional, como apontam Mariani e Mattos (2012).

² Smartphone Motorola, modelo XT1068 com câmera frontal e traseira, resolução da câmera frontal de 2.0MP e resolução da câmera traseira de 8.0MP e flash.

³ Link do álbum: <https://goo.gl/photos/kkGP74CnyhTU49a29>

⁴ Instagram: @organicospark

“Tomando como referência o espaço tridimensional que constitui a pesquisa narrativa, o pesquisador encontra-se num “entremeio”, isso porque os participantes da pesquisa, os contextos pesquisados e os próprios pesquisadores constituem-se a partir de dimensões temporais, espaciais, pessoais e sociais” (MARIANI E MATTOS, 2012, p.665).

Com um olhar sensível, dos momentos vividos, das memórias que carregamos, das marcas que ficaram em nós, dos registros documentados, no desejo transformador de mundo, contamos a história pelo viés da pesquisa narrativa. Buscamos retratar aqui aquelas que estão emanadas de significados em nossas vidas.

Das milhares de fotos, como escolher apenas três e por que? Não foi fácil, confesso. Antes preciso contar que quando fomos alocados em uma pequena área na ONG Estação Vida por um período do curso, haviam pessoas que já trabalhavam lá, que já tinham uma rotina estabelecida, um método. um estilo de horta orgânica, que não faz uso de adubo químico e agrotóxico, produzindo produtos saudáveis, com medidas que respeitavam a natureza e a preservação dos recursos naturais, da mesma forma essas ações vinham de encontro com os nossos ideais. Com isso, primeiro procurei considerar as imagens das pessoas que realmente faziam parte do eixo Gestão Ambiental que é objeto dessa pesquisa narrativa.

Depois em uma segunda análise, uma fotografia que mostrasse o trabalho, o preparo, a união entre os membros, a diversidade, a relação com o meio ambiente, a lindeza que eu conseguia perceber naquele encontro com o outro.

Acerca de uma terceira observação, vi o quanto é verdadeiro o ditado: “quem planta, colhe”⁵; a alegria de colher, o prazer de comer o que se planta, é inigualável.

E por fim, nesta última que a melhor forma de viver a vida está nos atos simples, em passar para as próximas gerações o nosso melhor, de que a vida brota e frutifica, de que vivemos em tribos, em grupos que pensam parecido, que formamos famílias e elas formaram outras famílias, sempre construindo redes de relações com o outro e com o que nos cercam na busca de bem estar, de ser feliz.

Com esse olhar para a vida nesses quase dois anos do projeto DIST, os enredos, as vivências transitaram entre o Centro de artes – CEU, ONG Estação Vida, EMEI, residências de participantes da comunidade local, o qual permitiram ao pesquisador transformar o material de coleta de dados em pesquisa narrativa leve e prazerosa como nos ensina Mariani e Mattos (2012):

⁵ “Quem planta, colhe!” – Ditado popular de origem não específica – pode ter origem bíblica - www.bibliaonline.com.br.

“O pesquisador entrando no campo de pesquisa – caminhando por entre histórias, é dedicado às discussões sobre as complexidades que constituem a entrada dos pesquisadores no campo de pesquisa. Complexidades que se traduzem em negociações constantes que precisam ser estabelecidas entre o pesquisador, os participantes e os contextos que envolvem os processos investigativos, no que se referem a relacionamentos, propósitos, transições” (MARIANI E MATTOS, 2012, p.665).

Os dados produzidos através de fotos, lembranças, memórias de cheiros, olhares, do enxergar, do sentir, do tocar, de uma expressão, do transformar nos permitiu compor textos de campo com base na pesquisa narrativa qualitativa, que para tal é preciso se envolver com intensidade, imersão, entrega ao fazer parte da história contada como exposto por Mariani e Mattos (2012).

“...questões relacionadas às conexões que se estabelecem entre memória, textos de campo e textos de pesquisa, com o objetivo de explorar o lugar da memória nesse processo. Os textos de campo acabam por desenvolver a função de sinalizadores da memória fundamentais para a composição dos textos de pesquisa” (MARIANI E MATTOS, 2012, p.666).

Mariani e Mattos (2012) no livro “Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa”, nos mostra o trabalho difícil e complexo ao compor os textos de pesquisa, ao dar sentido para as histórias vividas, para as experiências e discussões, para transitar dos textos de campo para os textos de pesquisa e manter viva a solidez em cada palavra, de cada frase, de cada círculo vivenciado e transformar em investigação narrativa.

“...pela compressão do pesquisador de que o seu texto de pesquisa é uma composição que tem como centro pessoas, lugares e coisas que estão em constante e contínuo processo de transformação e, portanto, não são estáticos apreensíveis ou passíveis de caracterização meramente mecânica” (MARIANI E MATTOS, 2012, p.666).

Assim ao me oportunizar pensar narrativamente, trago evidências, não de mais um número, de um código, de uma matrícula, mas de pessoas, de um grupo fazendo um projeto social. Trago ênfases de vivências, em sua maioria de mulheres, protagonistas de suas próprias histórias. É nessa perspectiva que narramos por meio de fotografias, poesias, filmes, artigos e poemas, a história desenvolvida na relação com o outro, que construímos em nós e que vamos formando numa rede interligada por experiências e marcas. De tal modo, Mariani e Mattos (2012) nos leva a pensar na pesquisa narrativa que permeia o ir e vir, as discussões relacionadas à ética, autoria e anonimato.

“...discussões de questões ou preocupações que devem permear constantemente todo o processo de ir e vir que caracteriza o percurso de uma pesquisa narrativa. Nesse sentido os autores propõem discussões relacionadas à ética, autoria, anonimato e o chamam de despertabilidade, ou seja, um estado alerta constante que o pesquisador narrativo deve ter em função de que a linguagem e os critérios que envolvem a produção de uma pesquisa narrativa se encontram ainda em desenvolvimento nas comunidades de pesquisa” (MARIANI E MATTOS, 2012).

Ao buscarmos ouvir as histórias, entender as experiências das pessoas e tentar pensar sobre elas narrativamente, embasados nos conhecimentos científicos que permeiam a pesquisa narrativa nos oportunizou transcorrer as próximas linhas com um olhar amável para as vidas que vão se construindo ao longo do tempo, de nós, do que nos toca e tocam o outro, em uma convergência evolutiva que se conecta com todos os seres em sua unicidade.

FOTOGRAFIAS/SENSIBILIDADES

I

*Expressão,
Ansiedade,
Expectativa,
em cada ato, em cada olhar...
Do teórico ao prático o que se aprende?
Da terra em descanso, protegida pela
vegetação...
Um grupo, em sua magnitude mulheres...*

*Na delicadeza das suas curvas mas na
força de sua essência...
Faz brotar a vontade, juntas com
determinação, um mãos à obra!
Da unicidade do ser, de sua complexidade,
De suas vivencias e heterogenia...
Cresce em direção ao uno quando se liga
ao outro para a complexidade do todo.*



Fotografia 1: Cursistas com ferramentas no preparo dos canteiros.
Fonte: Acervo projeto DIST, registrada pela autora.

*Da enxada fincada na terra que
descansa...
A vegetação sua protetora vai liberando
espaço...
Nada se perde, com o tempo a vegetação
vira adubo...
Que alimentará suas sucessoras no ciclo
da vida...
Na cadeia alimentar, o produtor alimenta
os consumidores, ao nutrir o homem...
E do nada, da quietude instalada, o sapo
agita o grupo...
Nos seus saltitantes pulos, com medo dos
predadores, procura um esconderijo...
Na simplicidade do desconhecido,
tentaram feri-lo...
Desconhecem a importância
desse anfíbio para o ecossistema...
O grito é certo: Não não,
não o machuque!
Ser vivo, indefeso que não faz mal a*

*objetivos iam ganhando forma.
Cada qual trabalha no que sabe fazer
melhor.
Assim a interação nos tornam melhores...
Com o respeito a individualidade e
nas diferenças que compõe cada ser...
Aprendemos que a harmonia do diferente
só enriquece um projeto comum a todos.
Existiam desafios a serem vencidos, mas
também...
Existia vontade, energia, bravuras de
mulheres...
Mulheres essas, guerreiras, que
desafiavam suas ditas fragilidades,
E assim se fez, modificar o ambiente...
Ah contemplar, como não?
Os seus feitos...
Resultados: primeiro canteiro pronto.
Trabalho duro ao preparar a terra,
desmanchar os torrões...
Da gratidão sentida por cada um ao seu*



Fotografia 2: Cursistas colhendo hortaliças dos canteiros.
 Fonte: Acervo projeto DIST, registrada pela autora.

*ninguém...
Precisa de proteção!
Importante na higienização do ambiente,
no combate de insetos
indesejáveis...
Mas alimentos pra outros...
Com a união dos presentes,*

*modo, unida às leis do universo.
Na sensibilidade de cada e todas as vidas
bióticas;
No ciclo entre biótico e abiótico se
fundamenta o poder e perfeição de todos
os seres.
Nos canteiros côncavos*

*a expressão do poder, do sensível,
Côncavos para receber em seu centro a
energia,
Energia essa, vinda da água, dos mineiras,
Trabalhado por cada ser ao cumprir sua
missão...
Desde um inseto triturador preparando o
alimento para seres unicelulares,
Seres unicelulares convertendo em
minerais,
E pelas mãos humanas,
Alimento para a sobrevivência material
nesse mundo,*

*Com sustentabilidade.
Canteiro preparado!
Pra receber a cama de vegetal seca,
Que abrigará a vida de uma infinidade de
insetos e outros seres...
Que conservará a umidade do solo,
necessária a vida...
Aqui, a excelência da vida em todas suas
variantes e complexidades
Tem foco na preservação da natureza.
No alimento orgânico;
No sustentável;
No equilíbrio.*

A poetiza Adélia Prado, traz uma riqueza de detalhes da vida cotidiana do ser humano em suas poesias, que aguça a nossa visão simbólica e nos leva a fazer uma relação com o que vemos, no que propomos, do que nos transcorre a visão, na sensibilidade ao buscar os elementos, as relações com o outro e os outros seres, das experiências vividas.

E ao se organizarem em grupo uma contagia a outra na ansiedade, da expectativa nos atos, no olhar, no querer, na vontade expressada no broto da vida, nos gestos, no prazer da determinação, na alegria que se propõe fazer por meio do conhecimento, do aprender e produzir por meio das práticas colocando mãos à obra. Assim, as marcas em cada pessoa, as situações e o ambiente vão contribuindo para a transformação do local e das pessoas envolvidas em sua unicidade como é dito por Adélia Prado:

“(...) mulher é forte, fortíssima. Se for santa, não pede nada e vai transformando o mundo devagarinho, passando trator, destocando, arando, semeando. Depois haja celeiro, haja lugar pra tanta flor e fruto.” (Adélia Prado)⁶

A força dessas mulheres, que está em maioria no grupo, vai transformando, devagarinho, respeitando os limites de cada um. Ia passando o trator, a enxada, arando a terra, semeando. Hoje, como no poema, não tem lugar para tanta flor e fruto do trabalho, da força de vontade e do sentido de vida dessas pessoas. Força essa da essência do ser, vem das vivências e suas heterogenias e cresce em direção à complexidade do todo e para todos. Na canção “Maria, Maria” composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, fala dessa força, da garra e determinação dessas mulheres por todos os cantos do Brasil, como as “Marias” do projeto Shopping Park.

⁶ Poema: Mulher, de Adelia Prado, disponível em Revista Ecológico
link: <http://revistaecologico.com.br/revista/edicoes-antiores/edicao-14/adelia-prado/>

“... Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria
 Mas é preciso ter manha
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida...”
 (Milton Nascimento⁷)

Uma energia.

Encontros das mulheres Marias unidas entre si e à Mãe Terra que filtra, que em seu seio permite a gestação, que faz brotar o verde, a planta, a vida, em contato com a natureza, que se deixa afetar e ser afetado. Das complexidades, suas diferenças e ao mesmo tempo tão iguais.

Do mesmo modo, eleva as virtudes das Marias por esse planeta. Ela é forte, tem raça, tem gana, traz dores e alegrias ao mesmo tempo que deixam marcas, marcas essas que vão sendo tecidas, costuradas na relação com o outro, com o ambiente e com a vida... Essas marcas são percebidas no campo manifesto e no campo invisível, no primeiro, manifestada nas relações entre um eu em transformação na relação com diferentes seres, não só humanos, mas também humanos; e no segundo, no invisível, há uma relação vibracional no universo que permite o fluxo das relações com todos os seres, essa rede de ligação constitui o arranjo desse grupo somando a outros arranjos, a outros grupos, a outras relações. São nessas marcas do que está em nós que incessantemente na conexão das relações que fazemos que ocorra a transformação do indivíduo conduzido pelas marcas como diz Rolnik, (1993).

“[...] no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (como disse, não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica)⁸ que vai se fazendo nos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos [...]” (ROLNIK, 1993, p. 2).

⁷ Trecho da canção “Maria, Maria” composta por Milton Nascimento e Fernando Brant

⁸ Ontológica: relacionado com as noções de existência, realidade e natureza do ser. Dicionário Michaelis: <https://michaelis.uol.com.br>

Mulheres que buscam um sentido para a vida por meio do contato com o aprender, sobre o meio, sobre horta, sobre educação ambiental, sobre a vida, e nos permite trabalhar na construção do ser, único e uno. Rolnik, (1993) diz que esses estados vividos no cotidiano, nas relações, na vida são marcas que acontecem no encontro com outros corpos, na transformação de nós mesmos, por nós mesmo, que cria novas possibilidades de vida, que vão sofrendo mudanças em seu corpo manifestado e no campo invisível.

“[...] com o pensamento o que vem primeiro é a capacidade de se deixar violentar pelas marcas, o que nada tem a ver com subjetivo ou individual, pois ao contrário, as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (ROLNIK, 1993, p. 5).

II



Fotografia 3: Cursista e filhos no projeto horta em casa.
Fonte: Acervo projeto DIST, registrada pela autora.

*Dois irmãos,
No quintal de casa,
Em contemplação daquilo
que brota,
Na entrega pela mão da
mãe,
Pai, mãe, filho, filha,
Uma família, outras
famílias,*

*Uma diferença, outras
diferenças,
Um jeito, outros jeitos,
Um café, outros cafés,
Um amigo, amiga, muitos
amigos,
Um apoio, um suporte,
Um grupo, um grupo em
movimento,
Da horta em casa,*

*Do jardim que é arte,
Da alegria que se sente,
Das vidas que
adentramos,
Da marca que fica,
Da vida que desabrocha...
Das vidas que se
transformam...
Das mãos que tocam...
Dos olhos concentrados,*

*Do amor incondicional,
 Da terra vermelha,
 Da água da vida,
 Do sol energia,
 Do ar que esparrama,
 Do verdume que brota,
 Do futuro,
 Do conhecimento,
 Com amor,
 Com desejo,
 Com vontade,
 Que toca o mais profundo
 do ser...*

*Nos questionamos...
 No jardim da vida:
 Família,
 como se forma?
 Qual a sua missão?
 Existe um arquétipo⁹
 manifestado?
 Qual marca deixamos aos
 que irão nos suceder?
 No mundo?
 O que é nobre?
 Justo?
 Bom?*

*Que valores?
 Que virtudes?
 Onde está a sabedoria?
 Qual o poder do amor?
 Qual o poder do verbo?
 Qual o poder do
 exemplo?
 Qual o significado da
 vida?
 Qual a essência das
 coisas?
 Do Divino?
 Do belo?*

⁹ “Arquétipo” é o modelo, a matriz de tudo, de todas as coisas que entendemos como nossa realidade. – Dicionário Michaelis:
<https://michaelis.uol.com.br>.

O que podemos ver, que os olhos não veem, mas que sentimos, que se faz presente nas vivências com as pessoas? Quantos questionamentos, quantas perguntas, muitos hoje, vivem em função da forma, da imagem exposta nas redes sociais mostrando realidades superficiais, que muitas vezes num sorriso pode estar cheio de narcisismo, ou cheio de uma dor, em depressão... Existe uma preocupação tão grande com o estereótipo, com o ter, com a quantidade, com a expansão, com o poder, com o reconhecimento do outro. Bauman, (2004) vem qualificar essa forma de viver de desejo, que impulsiona e destrói, é uma vontade de consumir, usar, devorar compulsivamente para preencher o buraco que separa o eu-individual do outro, que seduz com promessa do que não foi explorado e irrita com a indiferença.

“Desejo é vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir – aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade. Essa presença é desde sempre uma afronta e uma humilhação. O desejo é o ímpeto de vingar a afronta e evitar a humilhação. É um seduz com a promessa do inexplorado e irrita por sua obstinada e evasiva diferença” (BAUMAN, 2004, p. 12).

Pelo que observo, e me traz uma angústia com relação a sociedade em que estou inserida, é a preocupação com externo, com a individualização, com o que é mostrado, debates em torno do que está na superfície, mas que seja muito e que os quatro cantos do mundo possa ouvir, Bauman, (2004) vem falar dessas observações em seu livro Amor Líquido, como ele pontua, e eu descrevo como o barulho é grande, a vida social é agitada, muitos não querem compreender o valor da sua vida, das suas relações, daqueles que formam elos, das diferenças, dos trejeitos e jeitos de cada um a partir da unidade familiar.

"[...] No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial” (BAUMAN, 2004, p. 6).

Mas por que levanto aqui essas reflexões? Para falar um pouco da entrega, a um grupo, de respeitar as diferenças e a diversidade, de olhar para traz e ser humilde e corajosa para reescrever a nossa história, corrigir o que precisa ser corrigido, explorar os verdadeiros caminhos do amor ao outro, do afeto pelo outro e Bauman, (2004) nos diz assim:

“Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos” (BAUMAN, 2004, p. 6).

E nessas relações, nessa forma de se afetar com o outro que compreendemos a constituição familiar e o cenário atual na diversidade de tipos de famílias que existem, formadas por uma pessoa e um cachorro, dois homens e dois filhos, duas mulheres e um filho, uma mãe e dois filhos, uma mãe, um pai, e dois filhos, dentre tantos outros formatos, mas essas relações estão comprometidas nos dias atuais com suas estruturas fragilizadas, indeterminadas, por causa da disponibilidade do grande número de informação, de estímulos impostos pelos meios de comunicação, pela ampla disponibilidade de opções, com isso as relações familiares se tornaram vulneráveis no decorrer da história como Bauman, (2004) nos pontua:

“Com a nova fragilidade das estruturas familiares, com a expectativa de vida de muitas famílias sendo mais curta do que a de seus membros, com a participação em determinada linhagem familiar tornando-se rapidamente um dos elementos “indetermináveis” da líquida era moderna e com a adesão a uma das diversas redes de parentescos disponíveis transformando-se, para um crescente número de indivíduos, numa questão de escolha [...]” (BAUMAN, 2004, p. 28).

Neste cenário familiar da individualização nos tempos atuais, observo as mudanças e a diversidade de valores, de cultura, das escolhas e, pensando sobre como o cenário que se configura, procurei relacionar timidamente o grupo de Gestão Ambiental com suas experiências e vivências com a dos moradores da Grã-Bretanha que prezam um jardim e isso é retratado no filme britânico “Uma Beleza Fantástica”¹⁰. Talvez esteja dentro de nós, em você, em mim, de como vemos e sentimos, um pouco mais profundo nas nossas mais íntimas intuições e marcas. Assim como diz Gadotti (2011), percebemos que o universo não está lá fora, está em nós, no próximo, no todo, vemos em um pequeno jardim, um microecossistema detentor de uma energia cósmica incluído no planeta que faz parte do universo, do todo.

“O universo não está lá fora. Está dentro de nós. Está muito próximo de nós. Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmo de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida” (GADOTTI, 2011, p. 78).

Em um microecossistema, como num jardim, numa horta, encontramos uma diversidade de vida, de recursos para a vida, um ciclo de vida completo e sustentável, e é

¹⁰ Uma Beleza Fantástica foi lançado em 2016, pelo diretor Simon Aboud e as produtoras são Ipso Fato Productions e Smudge Films.

nesse contato com a natureza, de como a vida de todos os seres funciona que também podemos refletir, ensinar, aprender sobre valores, emoção, sentir a respeito do universo, da existência da vida e da morte.

Quanto à sobrevivência neste mundo, Gadotti (2011) nos diz que precisamos nos atentar para a virtude da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, que possibilitam novas formas e modificam para melhor. E nesse meu diálogo com esse autor vou construindo meus ideais de vida, na diversidade de cores, de seres vivos, de seus agrupamentos e organização, que podemos confirmar novamente a importância da beleza sensível, dos fenômenos artísticos da ecologia, da existencialidade de todas as coisas para o desempenho essencial da educação.

“Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação” (GADOTTI, 2011, p. 79).

Gadotti, (2011) vem dizer que além de educar para o desenvolvimento sustentável é preciso ter consciência de uma educação para a vida em todas suas dimensões, mais como um estilo de vida, que harmoniza o universo interno de cada indivíduo com o universo exterior, que ele vem chamar de vida sustentável.

“Chamamos de vida sustentável o estilo de vida que harmoniza a ecologia humana e a ambiental [...] É um estilo de vida intencional que se caracteriza pela responsabilidade pessoal, serviço aos demais e uma vida espiritual com sentido” (GADOTTI, 2011, p. 85).

Assim buscar trabalhar para ter um sentido para a vida, sentido também espiritual, ter responsabilidade pessoal, enxergar um sentido de mundo, saber a que veio, e onde quer chegar para uma vida sustentável que está relacionado com a ética ambiental, econômica e social protegendo os bens naturais para as futuras gerações. No filme vemos que há essa responsabilidade e o exemplo como estilo de vida, que influenciará a vida de outras pessoas.

Tem um momento ainda no início da trama em que a atriz principal Bella sofre uma queda na divisa entre sua casa e a casa do vizinho rico e ranzinza, o vizinho a socorre e quando ela se sente melhor, ele incomodado com a devastação ecológica causada no jardim da casa de Bella, tem ali o momento oportuno para chamar a sua atenção para cuidar do jardim. Com isso o vizinho cria toda uma problemática em torno do jardim, e Bella não tem outra alternativa a não ser cuidar do Jardim, aprender muito com toda a situação, se reconstruir e buscar ser feliz.

A história do filme também me levou a lembrar, a pensar nas minhas vivências com o grupo de Gestão Ambiental, quando mostra cenas das pessoas que vão ajudar Bella a refazer o jardim da casa onde mora, de como cada pessoa está inserida na sociedade e como elas se constituem nos seus núcleos familiares ao mostrar a família formada pelo vizinho ranheta, o Sr. Alfie Sterphenson, a família da Bella, e a família do cozinheiro, o Vernon. O que me afeta, me toca é essa capacidade que temos de unir forças e respeitar as diferenças e limites de cada um, valorar o trejeito e jeito peculiar de cada protagonista da sua própria história, como aconteceu no desenvolvimento das ações no projeto de Gestão Ambiental: pessoas, um grupo, uma família com suas diferenças, peculiaridades, e formas de estabelecer limites e modo de vida, seguimos interligadas, regadas a um café, a um lanche que possibilita a consolidação das relações que formamos.

Por traz das relações, e no contexto do filme, o amargor do vizinho existe, ele espera a devida atenção de pessoas que o ouvem de verdade, que o compreenda, e Bella vai ouvir, vai compreender e acreditar nele, e começa ali uma verdadeira amizade. Assim também consolidou o fortalecimento do grupo Gestão Ambiental, porque estávamos empenhadas em trabalhar com os recursos da terra, e ao mesmo tempo nas relações com o outro, entender os limites que cabe a cada um, valorizar cada ser, cada criança, cada companheiro e companheira de atividade. Assim eram os encontros nos dias de atividade do grupo, experiências que vivemos, como no filme quando o vizinho Alfie reconhecendo o esforço de Bella, lhe presenteia, junto tem uma carta que diz:

“Criar um jardim é algo que começa como hobby e logo se torna uma obsessão para a vida toda, uma que vem sem aviso prévio, simplesmente ao sair de casa”

E o presente que o vizinho Alfie dá a Bella é um livro chamado: Descobrimo um Jardim, e um dos trechos do livro que me encantou está descrito nas próximas linhas, fala do se envolver, do sentir e do fazer:

“Um verdadeiro jardineiro pode sentir mais alegria plantando uma semente e vendo uma flor desabrochar, do que um homem rico jamais terá em seus gramados perfeitos.”

Como o livro e as experiências de Bella, o presente aqui foi o investimento, a doação de si, de todos, a vontade, o conhecimento adquirido por meio dos livros, sites e experiências como na horta em casa. Assim tivemos recursos para trabalhar o aproveitamento de espaços

sem uso nas residências, como também buscamos viver esse estilo de vida em todos os lugares, e do mesmo modo proporcionar educação ambiental, conscientização, reflexões, atividades em família e com a comunidade, sair para fora da porta, da casa, entrar para dentro de si mesmo e sair para fora de si, proporcionando um ambiente mais sustentável, um estilo de vida, com amor, bem estar e alegria a todos os envolvidos direta e indiretamente. Conseguimos superar em alguns aspectos a sociedade contemporânea em que estamos vivendo como Bauman, (2004) decorre sobre as relações descartáveis, da sociedade do consumo, tudo é calculado, o tempo, o dinheiro, os esforços, existe uma racionalidade do interesse, de uma frieza calculada, visando somente a individualização, do que é transitório, a obtenção do lucro, do proveito sem buscar a valorização e sustentabilidade das relações e do meio ambiente

“E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro” (BAUMAN, 2004, p. 12).

Nesse trabalho que me encantou, vivenciamos e aprendemos que são nessas relações, do contato com o outro que adentramos a vida do próximo e nos deixamos ser adentrados, deste modo ao buscarmos viver entranhados de valores, virtudes, amor, vontade, somos atraídos por essa vibração e assim entramos em conexão com o universo que vibra na mesma sintonia com o que pensamos e sentimos, ainda que para amar é preciso que o indivíduo tenha autoestima, autorespeito e continue a existir através do outro, e dos outros seres. Bauman, (2004) diz que o amor é a capacidade de cuidar, preservar, é um estímulo que leva a expansão, atinge o lado de fora, contribui para o mundo.

“O amor, por outro lado, é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. Um impulso centrífugo, ao contrário do centrípeto desejo. Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que "está lá fora". Ingerir, absorver e assimilar [...]” (BAUMAN, 2004, p. 13).

Gadotti, 2011 diz que para ensinar é importante ter prazer em ensinar, amar aprender e amar quem aprende, pois, essa relação entre quem aprende e quem ensina precisa ser significativa, envolve profundidade no que nos propomos fazer, estar educador. Essa profundidade vai desde uma percepção dos sentidos grosseira até uma percepção mais sutil.

“Gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça; amar o aprendiz (criança, adolescente,

adulto, idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é “significativo” (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos” (GADOTTI, 2011, p. 70).

Vemos, então, possibilidades que nos toca ao trabalhar em nós, no nosso entorno, nos espaços, o sensível, o amor, a energia, a vibração que nos envolve em conexão com os elementos da natureza, a terra que faz brotar o verde da vida, água que permite a vida que cai do céu como faíscas, o sol com os seus raios e poder de tocar a película que envolve a planta que brota, permitindo reações químicas profundas, o ar que refrigera, leva e possibilita a dispersão, vemos que é o mesmo ar, o mesmo sol que nos toca e permite reações químicas em nossos corpos necessárias a sobrevivência de nossa espécie, quantas palavras, linhas, frases eu poderia discorrer aqui para dizer sobre toda essa riqueza da natureza que geram vidas e permite os ciclos. Todos esses processos da vida orgânica e inorgânica é levantado de forma geral pela visão de Godotti, (2011), quanto a necessidade da conservação ambiental:

Num nível mais avançado precisamos discutir a biodiversidade, a conservação ambiental, as alternativas energéticas e o aquecimento global. (GADOTTI, 2011, p. 716).

Assim vamos construindo nossas percepções por meio do conhecimento que enche de vontade, toca profundo o nosso ser para entender cada aspecto que possibilita a vida. Na diversidade dos núcleos familiares que se caracterizam em nossa sociedade, vemos na imagem, uma das infinitas possibilidades nos olhos concentrados, no toque das mãos, do exemplo de cuidar. A mãe apresenta a pequena muda de tomate e, no filme, o vizinho apresenta o morango para Bella:

A lista
é interminável.
É um mundo
de um caos lindamente ordenado.
Caos, não calamidade,
srta. Brown.
Se não entender a diferença,
Nós não estamos fazendo muito progresso.
Olhe aquilo.
O que é?
Se chama *Fragaria virginiana*.
Um morango silvestre.
Vida e natureza prontos para desabrochar
Sempre que podem,
Buscando a luz, progredindo...
É muito simples.

Nos diálogos, nas interações propostas, vemos um projeto sendo desenvolvido na natureza, sem um modelo definido, mas enriquecido por valores, virtudes e sabedoria que se constroem nas relações com o outro. Dessa maneira Serodio e Prado (2017) traz essas percepções de uma dupla posição nas relações que são constituídas:

“[...] pois assume na dupla posição eu-outro / escrita-vida a postura da dupla responsabilidade-responsividade para com as relações do cotidiano da dupla responsabilidade arte-vida [...]” (SERODIO E PRADO, 2017, P. 17).

Na constituição desse Trabalho de Conclusão de Curso descobri possibilidades de pesquisas, dialoguei e compreendi alguns autores, trouxemos uma abordagem que vai de encontro com a minha forma de ver o mundo.

E como Bauman (2004) nos diz, vimos no projeto e aprendemos que o tempo é generoso, que no momento de um questionamento, as dúvidas de quem pergunta já não são as mesmas, como também, quem responde já não será o mesmo, todos se transformaram. Entendendo assim, que a experiência de um grupo, de uma sociedade é tão-somente do sujeito, de como as experiências e marcas constituem cada um de uma forma muito íntima, individualizada nessas relações com outros indivíduos desde seu nascimento e vão se construindo nessas relações com o outro ao longo da vida.

“O tempo transcorrido nunca é tão curto a ponto de permitir que aquele que perguntou e aquele que respondeu permaneçam, no momento em que chega à resposta, os mesmos seres que eram quando o relógio foi posto para funcionar [...] É impossível saber a profundidade dessa mudança” (BAUMAN, 2004, p. 17).

CONCLUSÃO

Esse trabalho é fruto de muito trabalho, encantamento, sensibilidade, vontade e perspicácia ao nos motivar para as mais de mil imagens registradas das vivências humanas nas relações com o meio ambiente, com a horta orgânica, com a inclusão, do se sentir aceito, desde a criança em suas primeiras experiências nesse mundo até o mais idoso, ou até mesmo o acesso e autonomia era para todos, regido pelas regras do projeto.

Ao contribuir para esses encontros, para a criação de vínculo entre os protagonistas e a conscientização para a sustentabilidade como estilo de vida, implementar e fortalecer as ações de apoio à tomada de decisão, na emancipação das pessoas, sentimos que não somos os mesmos, nos transformamos, deixamos nossas marcas e trazemos em nós as marcas dos que nos afetaram.

E as fotografias nos revive esses momentos, saudades de um tempo que precisou acontecer para que eu pudesse estar aqui hoje contando a vocês como eu percebi e concebi, interpretei, analisei e elaborei tudo que aconteceu com a sensibilidade de me perceber e perceber o outro, nos fazer olhar para trás e ver que estamos deixando um legado documentado do nosso construir com o outro, um dia de cada vez, dos encontramentos das histórias de nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt; **Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Editora Zahar; Rio de Janeiro; 2004.

GADOTTI, Moacir; **Boniteza de Um sonho – ensinar e aprender com sentido**. Série Educação Cidadã 2; Disponível em: <http://fundacaosantillana.org.br/wp-content/uploads/2019/12/26_Boniteza.pdf> Acesso em 28/11/2020

ROLNIK, Suely; **Pensamento, corpo e devir – Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2:241-251; 1993; Disponível em: <[ronihttps://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf](https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf)> Acesso em 28/11/2020

MARIANI, Fábio e MATTOS Magda, M. Tradução de: CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Narrative Inquiry: experience and story in qualitative reserarch. Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Revista de Educação Pública; Cuiabá; v.21 n.47; p. 663-667, 2012.

SERODIO, Liana Arrais e PRADO, Guilherme do Val Toledo; **Escrita-Evento na radicalidade da Pesquisa Narrativa**; Educação em Revista; Vol.33 Belo Horizonte; 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/SHxpTxS9ydN3qXpRYBZry5x/abstract/?lang=pt>>; Acesso em: 15/05/2021.